

“Todas as mulheres do mundo”: um olhar sobre Leila Diniz e seu tempo

Kenia Gusmão Medeiros

Instituto Federal Goiano
Posse – Goiás – Brasil
kenia.gusmao@ifgoiano.edu.br

Resumo: Um símbolo de liberdade e ousadia, Leila Diniz é uma atriz já representada em alguns trabalhos de caráter biográfico. Como se sabe, contudo, a escrita desse gênero contém esquecimentos, silenciamentos e olhares distintos que representam perspectivas também diversas de um mesmo personagem. A Leila que rompe com padrões sociais e comportamentais de uma época tem sido a memória mais frequente dessa artista, em detrimento dos aspectos de sua vida familiar e profissional que também se conformaram nas instâncias que formaram sua personalidade. Por meio de depoimentos de pessoas ligadas a atriz e de sua própria voz em entrevistas e cartas, este trabalho procura mostrar uma Leila que representa sim ousadia e liberdade, mas que para além disso, conforma também outras possibilidades de interpretação. Observar o que nessa mulher era considerado fora dos padrões, quais discursos dão conta disso, em que aspectos ela se assemelhava a qualquer mulher de seu tempo, também podem ser importantes meios para um melhor entendimento dessa personagem e da época em que viveu.

Palavras-chave: Biografia. Leila Diniz. Comportamento. Mulher.

Introdução

Este artigo versa sobre a vida de Leila Diniz e as possibilidades de compreensão das condições sociais vividas pelas mulheres dos anos 1960 e início dos anos 70, por meio dos eventos narrados em suas biografias e entrevistas. O cerne da pesquisa consiste numa proposta de repensarmos o mito “Leila Diniz”, símbolo de irreverência e ousadia feminina. Não há a pretensão de uma negação do seu lado mais marcante que é tão conhecido e que caracteriza sua personalidade. O intento consiste em acrescentar outras características e desejos demonstrados e vividos por Leila para além dos que costumam se destacar na memória já cristalizada sobre a atriz.

Discutir sobre os diversos papéis sociais da mulher, seus espaços, direitos e lutas ainda se faz muito necessário. Em vários países pelo mundo mulheres ainda sofrem com menos direitos e a obrigações absurdas que ferem a noção de dignidade humana e solapam a formação de suas identidades. O Brasil, país democrático na constituição, em

meio a mudanças políticas recentes mostra uma tendência ao questionamento de direitos e demandas femininas. As próprias discussões e ideologias em torno do conceito de gênero e do feminismo são muitas vezes descaracterizadas e distorcidas. Em discursos inclusive de pessoas públicas que demonstram desconhecimento das premissas do feminismo, esse pensamento é difamado e retratado como perigoso e causador de possíveis problemas e mazelas na estrutura familiar tradicional brasileira.

O contraponto positivo a esse contexto é o atual uso das redes sociais que além de permitirem maior divulgação de informações e discussões, fomentam denúncias e a organização de grupos de apoio para mulheres que muitas vezes nem sequer haviam refletido sobre as várias possibilidades do “ser mulher”. Em tempos de ecos midiáticos polêmicos como o recente “bela, recatada e do lar”¹, é de extrema importância que façamos uso de diferentes espaços discursivos para que assim sejam ampliadas as condições e possibilidades de conversa. A desnaturalização e o questionamento de discriminações e imposições de gênero que ainda encontram espaços em nossa sociedade, passam necessariamente pela circulação de informações e pelo entendimento histórico dessas construções sociais.

Este trabalho constitui-se então em uma análise biográfica que pode servir como mais uma possibilidade de conhecimento e compreensão de aspectos históricos do Brasil, especialmente dos anos 60 e 70 do século passado. Esse é também um texto de homenagem a muitas mulheres que por vezes foram incompreendidas pela sociedade de então e as que nesse citado período foram perseguidas pela ditadura militar. Este trabalho é dedicado a Leila Diniz, a Maria Auxiliadora Lara Barcelos (a Dodora), a Iara Iavelberg e tantas outras que ousaram não seguir os roteiros socialmente estabelecidos para suas próprias existências.

O uso de biografias na história

Não é recente o debate sobre o uso de biografias e autobiografias na construção do conhecimento histórico. A essa contenda ainda podem ser acrescidas as discussões em torno do uso de diários e cartas enquanto fontes historiográficas. Nas últimas décadas,

¹ Referência ao episódio ocorrido em abril de 2016, no qual a revista *Veja* publicou uma matéria com a então futura primeira-dama do Brasil *Marcela Temer*, esposa de *Michel Temer*, que assumiu a presidência após o processo de impeachment da presidenta eleita *Dilma Rousseff*: <http://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar/>. Acesso em: 01/05/2016.

em grande medida em decorrência das renovações propostas e incorporadas pela História Cultural, essas fontes propiciaram a feitura de várias e diversificadas pesquisas. Que fique claro que essa construção da história como espaço de trabalho não se deu num *devoir* onde tenha imperado a ausência de conflito.

Claro que esta ocupação de espaço se efetiva em meio a querelas territoriais nem tão novas, posto que constitutivas da encenação acadêmica e, paradoxalmente, estimulantes. Problemáticas mesmo, elas se configuram para o profissional que, por dever de ofício, se dispõe a desvendar o intrincado caminho das especialidades, imbricações, domínios e “lotes da história” (MELLO, 2008, p. 17).

“Ao ler uma biografia, recordai que a verdade nunca se presta a publicação”. Esta frase atribuída ao romancista irlandês George Bernard Shaw, dá o tom da desconfiança com a qual o gênero biográfico é frequentemente tratado. Concomitantemente a tal relação de suspeitas, as biografias despertam também em parte do público, especialmente aquela parcela despreocupada com critérios acadêmicos, um grande fascínio. Segundo Revel (2010, p. 235), sua vitalidade se encontra dentre muitos fatores, pela sua variedade de público.

Um breve passar de olhos em catálogos de editoras, estantes de livrarias ou suplementos literários de jornais, leva qualquer observador, ainda que descuidado, a constatar que, nos últimos 10 anos, o país vive uma espécie de boom de publicações de caráter biográfico e autobiográfico (GOMES, 2004, p. 7).

Como já foi dito, Leila Diniz já foi objeto de distintas análises biográficas. Os trabalhos mais conhecidos são livros e filmes. Mirian Goldemberg faz em seu livro “Toda mulher é meio Leila Diniz” de 1995 um breve inventário sobre essas pesquisas. A autora citada elenca como principais obras o longa “Leila Diniz” de Luiz Carlos Lacerda (1987); o livro “Leila para sempre Diniz” do mesmo autor e publicado no mesmo ano; o livro “Leila Diniz” de Cláudia Cavalcanti (1983); o vídeo “Leila para sempre Diniz” de Sérgio Rezende e Marisa Leão (1974); e o vídeo “Já que ninguém me tira para dançar” de Ana Maria Magalhães (1982). Nesse corpus documental analisado por Miriam Goldemberg estão o trabalho do melhor amigo, da fã e de pesquisadores inquietos e curiosos em relação à vida da artista. Neste artigo está presente parte desse corpus analisado por Mirian Goldemberg. Além desses trabalhos são utilizados aqui também a biografia de Joaquim Ferreira dos Santos “Leila Diniz” de 2008 que faz parte da coleção Perfis Brasileiros da Companhia das Letras e ainda os textos “Retorno às origens” de Eli Diniz e “Leila Diniz em várias versões” de Maria Lygia Warm de Moraes.

É interessante ressaltar que além dos trechos de diários e cartas de Leila já publicados, existem ainda muitos outros cadernos escritos por ela que permanecem ainda desconhecidos. Eles estão com aquela que foi sua melhor amiga, a também atriz Marieta Severo. Várias editoras já fizeram propostas de publicação, mas Marieta nunca se interessou, e ela disse ainda não ter lido os escritos de Leila por achar não ter esse direito.

A condição da narrativa como obstáculo ao estatuto científico é antiga. No caso biográfico, o aspecto do tributo ao particular, a experiência individual, e ao acaso, ao indeterminado não são características que favoreçam ou corroborem com os clamores de uma história alinhavada pela razão, pela causalidade e pela prestigiosa noção de ciência. Esse tempo indeterminado do cotidiano é ainda menos confiável no caso das biografias. Não obstante alguns trabalhos biográficos esboçarem lindas trajetórias retilíneas ignorando acasos e desvios, o gênero biográfico é por essência o *locus* da incerteza, narrativa da qual não se pode concluir desfechos em contextos herméticos. É ainda o discurso que também comporta aqueles que florescem contradizendo o meio.

As ramificações do gênero são muitas e se entrelaçam. O uso como fontes das biografias e gêneros que com ela se relacionam, ou seja, seu uso na construção de um texto historiográfico, constitui um aspecto a ser considerado. Outro ponto constitui-se na escrita historiográfica em forma de biografias e autobiografias, muito menos frequentes, mas não menos intrigantes. Não pretendemos insinuar uma redução das especificidades e contradições que podem ser engendradas nas escritas historiográficas. Mesmo os próprios autores desses documentos com traços biográficos, que não possuíam qualquer compromisso com a historiografia, também faziam nesses mesmos relatos, reflexões sobre as possibilidades e problemas da escrita de si. Correndo o risco de parecer ter caído em um espaço tautológico, reafirmo que possíveis soluções para o historiador estão nas próprias fontes e as frequentes reflexões que elas trazem.

O risco do discurso do “indivíduo eleito” ou do “projeto original” (BOURDIEU, 2006, p. 183) ronda a escrita biográfica. As conjunções sociais, os fatores externos à vontade do indivíduo, assim como o próprio acaso, acabam por vezes sendo desconsiderados nesse gênero. Bakhtin (1997) discorrendo sobre a criação do romance e de seu herói fala desse destino manifesto, que possui sua lógica na construção da imagem, da identidade, lógica essa que ele defende ser artística. Devemos nós historiadores então, ao nosso ver, criadores também de ficções (mas não possuidores de muitas licenças poéticas), ficarmos atentos para não fazermos da escrita biográfica na história, ou do seu uso como fonte, a consagração das sagas de heróis que nascem prontos e predestinados.

O destino, na existência, corresponde a uma determinação total da pessoa marcada por uma necessidade que predetermina todos os acontecimentos da sua vida; desse modo a vida é somente a realização (um cumprimento) daquilo que desde o início se encontrava na determinação da existência. (...) Ora ela apenas cumpre a necessidade de seu destino (...) O destino é a transcrição artística do rastro deixado na existência por uma vida regulada de seu interior de seus objetivos, é a expressão artística do *depósito* deixado na existência por uma vida que é completamente pensada de seu interior. Esse depósito na existência também deve ter sua lógica, mas não é a *lógica dos objetivos* da própria vida, e sim a lógica puramente artística que governa a unidade e a necessidade interna da linguagem (BAKHTIN, 1997, p. 188).

Aristóteles disse que a poesia é um gênero mais sério que a história². Jaques Revel (2010, p. 238) explica essa célebre assertiva e ainda oferece uma reflexão sobre a escrita biográfica:

A poesia, a narrativa, a ficção, a tragédia permitem a generalização porque não têm entraves: a elas é possível modelar a experiência humana (daí a importância essencial das regras de composição), ali onde a história permanece fundamentalmente tributária das circunstâncias e submetida a pulverização da experiência. Mas nota-se que em relação a história, o gênero biográfico é ainda mais discutível já que mais tributário dos acasos e da experiência individual (...).

Seria impossível dar conta de toda a complexidade que perpassa desde a vida cotidiana até as dimensões psicológicas mais profundas da vida de qualquer biografado? As dúvidas que rondam o gênero não são exatamente novidade. É evidente que os sujeitos possuem muitas facetas e a imensidão das práticas cotidianas é inatingível em sua completude. Talvez a grande questão da biografia seja a angústia em relação a incontabilidade com a qual os historiadores ainda não sabem bem como lidar; o tempo indeterminado, acidentado, é estranho e arredo às tentativas da domesticação e explicações historiográficas. “O que a prospectiva não faz a historiografia garante, obedecendo à mesma exigência (fundamental) de cobrir pela produção de uma razão (fictícia) a obscenidade do indeterminado” (CERTEAU, 2008, p. 311).

Cornelius Castoriadis (1987) nos ensina que os indivíduos são formados por instâncias psicológicas que se sobrepõem em camadas que não raramente se contradizem. Lévi-Strauss (*apud* BERBERT JUNIOR, 2010, p. 173-192) também já advertiu para a infinidade emocional, psíquica e mesmo hormonal por trás do que se convencionou como “fato histórico”. Considerando tais reflexões, insisto que, realmente, nem os sujeitos biografados nem os fatos históricos terão suas existências contempladas numa integralidade que garanta a apreensão total da história. Há bastante tempo já

² Cf. Poética, 9, 1451, (trad. para o francês de M. Casevitz) *apud* REVEL, 2010, p. 238.

ultrapassamos a busca da construção de uma história totalizante. Acusar a biografia de não contemplar todos os aspectos de uma vida, parece um retrocesso nesse sentido. Logicamente muito vai sempre escapar, mas ora também já não estamos exaustivamente informados sobre a condição de conhecimento lacunar da história?

Deste modo, como seria com qualquer outro biografado, Leila não pode ser apresentada em toda a totalidade de sua breve existência. Nenhum indivíduo é ininterrupto e holisticamente coerente e em Leila havia também contradições de personalidade. Não raro, queremos conformar desejos, planos, opiniões que não convergem; ou simplesmente como é comum na vida, mudamos de ideia, de gosto, de vontade. Situa-se nesse ponto um aspecto importante para se falar de Leila Diniz: suas contradições. O mito que foi criado da mulher ousada e atrevida não é suficiente para explicar todas as sensibilidades e pormenores da personalidade de Leila.

“A censura é ridícula, não tem sentido”, dizia a contestadora política. “Gostaria de ter vinte filhos para fazer uma escolinha em casa”, dizia a futura mamãe. “Meu analista mandou um bilhete dizendo: ‘Assisti teu filme. Continuo a acreditar em você como gente e agora como artista’”, dizia a analisada com vida interior. “Se eu quisesse fazer (*) estava rica. Em São Paulo, fazendeiro, industrial, me ligam para o hotel: ‘Então, vamos jantar e tal’”, dizia a debochada do corpo desejado. “Eu estava dizendo que eu sou uma pessoa sem sentido porque o meu sentido é esse: eu escolho meus trabalhos pela patota”, dizia a trabalhadora lúdica. “Eu só tive um homem negro. E não vou comparar meus homens porque é sacanagem”, dizia a amante madura (SANTOS, 2008, p. 161).

A micro história entende que ao fazer uma seleção temática extremamente específica e esgotar exaustivamente as mais variadas fontes sobre o objeto, partindo inclusive de uma análise etnográfica ou uma *descrição densa* como diria Clifford Geertz, podemos ter uma aproximação mais interessante com determinado objeto de pesquisa. O clássico “O queijo e os vermes” de Carlo Ginzburg nos dá o tom dessa abordagem metodológica. Há uma exploração das fontes e de suas possibilidades; as fontes são realmente valorizadas, contudo, há a consciência de que qualquer uma delas é antecedida por filtros e perpassada por sombras.

Mas eu estava convencido (e ainda estou) de que entre os testemunhos, seja os narrativos, seja os não narrativos, e a realidade testemunhada existe uma relação que deve ser repetidamente analisada (GINZBURG, 2007, p. 8).

Mas não é preciso exagerar quando se fala em filtros e intermediários deformadores. O fato de uma fonte não ser ‘objetiva’ (mas nem mesmo um inventário é ‘objetivo’) não significa que seja inutilizável (GINZBURG, 1987, p. 21).

O contexto fechado, pronto, também pode significar uma armadilha comum a qual devemos estar constantemente atentos. O biografado não deve ser enquadrado em sua época. Qualquer trajetória humana é perpassada por desvios, contradições e rebeldias; tudo isso dialoga com o tempo em que acontece; constituem posições do sujeito não ratificadoras do imaginário e do espaço social e temporal no qual ele se insere. Não significa dizer que as possibilidades de ação de um sujeito biografado nos dados momentos estudados sejam infinitas e aleatórias, mas significa que elas não são arbitrariamente definidas pelo contexto.

Esses agentes como é o nosso próprio caso, tiveram o sentimento de dever – e logo de poder – escolher entre diversas soluções. A gama desses possíveis não é arbitrária: ela é socialmente construída no sentido de revelar uma representação do espaço social que é por si mesma social, e que coloca em dia os recursos e as dificuldades de que os indivíduos e os grupos estimam dispor ou que eles estimam superar (REVEL, 2010, p. 245-246).

Muitas mulheres em Leila

A atriz Leila Diniz, sempre associada ao seu comportamento irreverente e atrevido quando comparado aos padrões da época em que viveu, já foi objeto de alguns trabalhos de caráter biográfico. Liberdade e ousadia indubitavelmente foram traços marcantes de sua personalidade. Entretanto, atrás do mito da mulher livre e alegre, existem dramas familiares, complexidades e desejos por vezes contraditórios e outros aspectos que corroboraram na formação da personalidade de uma mulher que enfrentou há mais de cinco décadas, imposições e discriminações que muitas mulheres de hoje ainda buscam combater.

Leila nasceu em Icaraí, Niterói, em 25 de março de 1945. Seu pai, Newton, era bancário, mostrava muito gosto por discussões políticas e era comunista. Sua mãe Ernestina, era professora de educação física. Eles se conheceram em Vitória no Espírito Santo. Como sua mãe engravidou antes do casamento, foram para o Rio de Janeiro para fugirem de possíveis falatórios e pressões sociais. Ernestina, entretanto, por problemas de saúde deixou os dois filhos mais velhos Elio e Eli, juntamente com Leila que ainda não completara um ano de idade, para se tratar. O casamento já não ia bem. Newton nesse ínterim conheceu Isaura com quem veio a se casar, quando Leila ainda era bem pequena, pouco antes dos dois anos. Com a mãe adotiva, seu pai teve ainda mais duas

filhas: Regina e Lígia. Ela cresceu acreditando que Isaura fosse sua mãe e só veio saber a verdade por volta de seus quinze anos. Essa descoberta causou-lhe revolta e decorreram-se conflitos com a família.

Na adolescência Leila era uma garota cheia de atitudes e opiniões fortes. Gostava de frequentar festas e mantinha amizades com artistas e intelectuais, incluindo pessoas bem mais velhas do que ela. Talvez por ter crescido ouvindo as falas de seu pai comunista, o que na época não era exatamente o que se poderia chamar de padrão social, não tinha muito receio em ser contraditória e de mostrar isso aos outros. Aliás, se hoje a obra de Marx e seus desdobramentos teóricos e práticos despertam exacerbadas paixões, assim como rejeições contundentes – e tudo isso muitas vezes baseado em pouco entendimento –, o comunismo naquele momento do Brasil ainda era um grande tabu social. A vida em família era um tanto conflituosa: segundo depoimentos de seus irmãos, a mãe adotiva era uma pessoa controladora e exigente, com quem os filhos mais velhos de Newton não se davam bem, motivo que fez com que eles saíssem de casa muito cedo. Enfim, pai comunista e ateu; mãe adotiva possessiva e controladora; mãe biológica desconhecida até os quinze anos de idade; a vida familiar não poderia ser considerada das mais tradicionais segundo os padrões morais da sociedade brasileira dos anos 1950, 60 e 70.

Antes de ser atriz, Leila trabalhou como professora de ensino infantil. Adorava estar perto das crianças. Trabalhou numa escola de vanguarda, que valorizava o ensino de artes e a liberdade das crianças. Dando voz a própria, podemos com uma frase sua ter uma ideia de como ela encarou esse trabalho: “Professorinha uma porra! Eu fui professora!”. Apesar de afirmar que não era afeita a muitas leituras, um livro lhe marcou profundamente: “Liberdade sem medo” do educador inglês Alexander S. Neill que também foi o fundador da renomada escola de Summerhill em 1921. Segue um trecho de uma carta escrita por ela a Neill:

“Meu amigo,
Esta carta é importante porque eu gostaria de lhe dizer o quanto você tem me ajudado em muita coisa na minha vida.
Leio seu livro há seis anos. Leio e releio. (...)
Saí de casa cedo por problemas de revolta e desentendimento com meu pai e minha mãe adotiva. (...) Fiz um curso no Ministério da Educação que não serve pra nada. Procurei emprego porque gostava muito de crianças e realmente sabia me entender com elas. Mas nem sempre me entendia muito bem com os pais que não acreditavam em mim devido à minha pouca idade e me pareciam muitas vezes uns monstros de tão absurdos.
Uma amiga me indicou seu livro, e ele passou a estar sempre comigo. Ele me deu aulas e o apoio de que eu precisava. (...)
Hoje em dia sou atriz, tenho vinte e dois anos, moro sozinha.

É difícil explicar o quanto você foi necessário e ainda é. Hoje tive vontade de lhe escrever, estava lendo o capítulo sobre o medo. E foi bom ter me lembrado disso, porque não tinha muita coragem” (GOLDEMBERG, 1995, p. 68).

Nos anos 60 do século XX a “teoria do capital humano” foi pensada e divulgada como algo positivo, ela foi celebrada como a prova definitiva a respeito de um valor da educação, e esse valor teria inclusive implicações econômicas. Desse modo, a educação passou a ser encarada como o suporte necessário para o desenvolvimento do mundo do trabalho e do capitalismo. Na década de 70 críticas a esse pensamento começaram a surgir. Tais apreciações demonstraram que a educação subordinada ao campo da economia, a tornaria um serviço às classes dominantes e ao capitalismo. Como consequência, a exploração do trabalho daqueles indivíduos menos favorecidos socialmente se ampliaria.

Nesse contexto, em 1960 Neill publicou “Liberdade sem medo”, o livro que tanto encantou Leila. Neill criticava uma educação desprovida de emoções, mecanizada e que privava os alunos da felicidade. Para o autor, nesse tipo de processo educacional se encontravam causas de traumas e problemas observados na vida adulta. Ele defendia uma educação em que as crianças pudessem tomar decisões e serem ouvidas, argumentava ainda que a educação tem que obter como resultado transformações efetivas na sociedade. Neill foi bastante influenciado pela clássica ideia de Rousseau de que os homens nascem bons e a sociedade os corrompe.

Apesar dos limites que este trabalho nos coloca, podemos inferir pelo exposto sobre o contexto educacional da época que Neill era uma alternativa ao conservadorismo e a rispidez, características essas tão arraigadas ao sistema educacional daquele tempo. Consequentemente para Leila, a teoria de Neill significava um apoio para superar os dramas de sua própria criação e uma esperança para um mundo mais terno, mais livre.

Sua carreira como professora durou pouco e sua estreia como atriz aconteceu em julho de 1964 no papel de uma onça boazinha na peça “Em busca do tesouro” de Rubens Rocha Filho. Para realizar esse empreendimento e mudar os rumos da vida, foi bastante incentivada por seu então marido, o cineasta e produtor Domingos de Oliveira, com quem ficou casada por três anos e que a dirigiu em “Todas as mulheres do mundo” já após o término do relacionamento. Muitos viram nesse filme uma homenagem de Domingos a Leila, indubitavelmente havia no roteiro muito da vida da atriz. Ela conseguiu agradar e foi conseguindo papéis em outros filmes, peças e novelas. As novelas representavam a atividade mais rentável e também o veículo que propiciava maior

notoriedade devido ao número elevado de telespectadores que se envolviam cotidianamente com as histórias contadas.

Desde o início de sua carreira de atriz Leila já se mostrava publicamente como uma mulher que valorizava sua própria liberdade e que não tinha problemas em mostrar quando tinha vontade o seu corpo. Muitas de suas entrevistas, contudo, recebiam um filtro como era comum na época. O intuito era não publicar declarações que fossem chocantes demais para o leitor; os típicos palavrões da atriz foram muitas vezes retirados. Na época de regime militar a imprensa precisava se preocupar com os leitores e os censores, desse modo, as publicações eram quase sempre polidas de maneira que se evitassem problemas.

Naquele momento gostar e conhecer intimamente o próprio corpo poderia ser interpretado como conduta inadequada. Nossa sociedade ainda hoje se comporta de maneira hipócrita em relação ao corpo feminino, que é alvo de extrema sexualização. Em vários setores midiáticos por exemplo, mulheres que amamentam seus filhos em público não raro são censuradas; mulheres fora dos padrões socialmente impostos, que aceitam e mostram seus corpos também não são bem vistas; mulheres que envelhecem devem obedecer a conduta da discrição. De modo geral, os entendimentos, demonstrações e celebrações do corpo feminino que não são dedicados a atender a sexualidade masculina são vistos como tabu. O corpo da mulher ainda é visto a serviço das demandas masculinas e as mulheres ainda estão em luta pelo direito de decisão e de proteção dos seus próprios corpos. Nos anos 1960 e 70 isso era ainda mais naturalizado na sociedade brasileira. Na síntese da historiadora Michelle Perrot (2005), o corpo feminino é onipresente, mas continua opaco. Conhecer-se, sentir-se bonita para si e gostar disso é uma conquista ainda em andamento. No trecho que segue percebemos na fala da atriz a liberdade sentida no momento da nudez, no momento em que se sentiu bem consigo mesma. Nessa citação específica, não há uma companhia, as emoções descritas nessas poucas palavras são de ordem íntima e individual. Se houve alguém com Leila nessa noite em Paraty, pelo menos nesse instante descrito por ela, esteve bonita para si mesma, gostou de si e relatou isso: “Gostei de mim quando fui tomar banho de mar pelada de noite em Paraty e tinha aquela água brilhando com a lua. Você quer morrer, fica com aquelas gotinhas prateadas no corpo, divina e maravilhosa” (SANTOS, 2008, p. 159).

Uma entrevista concedida em fins de 1969 ao jornal *O Pasquim* seria o ápice da imagem de mulher fora dos padrões da atriz, uma Leila quase sem interdições foi mostrada e as consequências dessa exposição não demoraram. *O Pasquim* não era apenas

um jornal alternativo, ele representava um jeito novo do jornalismo se expressar no Brasil; esse estilo novo se caracterizava pela linguagem utilizada e por um trato diferente dado ao conteúdo. A publicação era diferente e inusitada. Ao contrário de outros veículos, *O Pasquim* trazia comentários e opiniões. Temas diversos, linguagem arrojada e muito humor, eis a fórmula! Logicamente não passou despercebido ao departamento de censura e foi bastante perseguido.

O “quase sem interdições” anteriormente citado se justifica porque, mesmo sendo uma entrevista que marcou época e que hoje representa um clássico da imprensa brasileira justamente por ter dado voz a uma mulher que rompia barreiras, ainda assim houve por parte do editor Tarso de Castro algumas supressões de trechos que considerou fortes demais para aquele momento. A edição do Jornal com a polêmica entrevista da atriz de cinema e das novelas que nesse momento já pautavam as noites cotidianas da classe média, vendeu cerca de 117 mil exemplares, um número bastante expressivo. Além da entrevista de Leila a edição trazia dentre outras coisas, um texto de Jô Soares refletindo em tom jocosos sobre as próprias transgressões do periódico; os clássicos fradins de Henfil e ainda um longo texto criticando o economista americano Herman Kahn que defendia a internacionalização da Amazônia. Os trechos que são apresentados abaixo foram alguns dos que ficaram de fora da edição:

“Eu gosto é de trepar porra! Acho que para mim seria bacana trepar todo dia. E não me importaria se fossem uma, duas, três, vinte ou mil vezes por dia. Eu tenho uma puta resistência física. Já me aconteceu de passar uns três dias não fazendo outra coisa senão trepar sem parar”. [...] “Eu nunca comi mulher nenhuma, porque elas não têm pau. E pra mim pau é um negócio essencial. Eu gosto muito da coisa entrando em mim. Pode fazer tudo o que quiser também, mas pra mim pau é fundamental” (SANTOS, 2008, p. 159).

É mais do que conhecida a importância cultural do cristianismo na história da humanidade, desde o seu advento ele estabeleceu regras, condutas e modelos tanto a serem seguidos como repudiados por seus fiéis. O modelo maior de mulher para essa religião foi, desde a Idade Média, Maria, a mãe do próprio Cristo, a virgem, imaculada a escolhida de Deus. Maria foi adotada pelos cristãos como mãe da humanidade, a intercessora. Em sentido oposto, a cristandade repudiou Eva, a pecadora, a mulher que mordeu o fruto proibido e induziu o homem a fazer o mesmo; isso sem falar em Lilith, a possível rebelde retirada dos textos sagrados no Concílio de Trento. O modelo de mulher que por séculos foi imposto às mulheres foi o de uma mulher que viveu a maternidade, porém não se deleitou em qualquer atividade carnal. Esse imaginário se desenvolveu e cresceu, tendo como um de seus corolários o mau julgamento de uma mulher que ousasse

apreciar o sexo. A mulher gostar de sexo e assumir tal condição, por séculos não foi socialmente aceito. O sexo deveria ser encarado por elas como um dever para com Deus, sua finalidade seria a procriação dos filhos do Senhor.

Sérgio Cabral: Você deixou de ser virgem com que idade?

Leila: De quinze para dezesseis. Mas esse negócio de idade é bobagem. Você deixa de ser virgem quando está com vontade. Eu estava. Não deixei antes porque meu namoradinho não quis, ficou com medo (SANTOS, 2008, p. 155).

Os fragmentos da entrevista supracitada desvelam uma mulher que não esconde seu desejo, e assumir gostar de sexo não se enquadrava nos moldes nos quais o comportamento de uma moça, especialmente solteira, deveria caber. Leila diz ainda que não teria problemas morais em se relacionar com outra mulher, o problema seria físico, uma mulher não teria condições necessárias para satisfazê-la. Tudo isso dito numa linguagem aberta e livre de eufemismos, com palavras associadas e permitidas aos homens. Se tivessem sido publicados esses e ainda outros trechos que ficaram de fora da edição, o escândalo provavelmente teria sido bem maior.

Em “História da sexualidade” Foucault (1998) argumenta que a definição de uma pessoa como pertencendo a determinado sexo serve ao controle e a regulação social da sexualidade. Os comportamentos, desejos e práticas sexuais são então justificados por uma predeterminação, uma condição anterior. A sexualidade então de modo algum se reduz a experiências e sensações de prazer que um indivíduo possa buscar ou oferecer; para além, a sexualidade é um meio de interpretação do sujeito. Em outras palavras, interpreta-se a sexualidade para verificação de manifestações que sejam coerentes com o sexo pré-determinado para aquele indivíduo.

Com toda a certeza, a sexualidade de Leila, em seus discursos e práticas por ela mesma relatadas, não convergiam para o que se esperava de uma mulher. Essas imposições de gênero se fazem presentes na vida das pessoas desde muito cedo e quando são publicamente questionadas ou subvertidas, encontram ecos estrondosos de conservadorismo. De acordo com Judith Butler (2003, p. 200) o gênero é um ato e requer “performances repetidas”. A mesma autora reflete ainda que essa é uma ação pública, mesmo quando corpos individuais encenam esses gestos, movimentos, estilos e discursos. Leila em sua complexidade, reificava com sua feminilidade e beleza esse gênero/ato, ao mesmo passo que o subvertia com sua linguagem e suas revelações sexuais.

Além dessas supressões, na entrevista que seguiu para as bancas, no lugar dos palavrões tão comuns e característicos do linguajar da entrevistada, entraram asteriscos,

mais precisamente 72³. Foi a forma encontrada por Tarso de Castro para não haver problemas com a censura, já que algum tempo antes havia sido chamado a Brasília para dar explicações sobre a publicação da palavra “tesão”, dita pela cantora Maria Bethânia em uma edição anterior.

As perguntas da entrevista não são por demais ousadas ou mal-intencionadas, ela constitui-se num bate-papo com algumas perguntas que podem ser consideradas clichês jornalísticos; o que difere são as reações e respostas da entrevistada; o que chocou foi Leila sendo Leila. Nas palavras de Castro havia revelações que com certeza até representavam algumas transgressões vivenciadas por outras moças da época, mas elas não falavam naturalmente sobre isso. O sexo já era visto, inclusive por elas, como fonte de prazer e não somente com a finalidade da procriação; mas falar isso abertamente num semanário conhecido nacionalmente, contudo, é bem diferente. Os asteriscos não foram suficientes e após essa entrevista foi instaurada a censura prévia a toda a imprensa. Essa determinação ficou conhecida como decreto Leila Diniz.

Nossas práticas pautam e ocasionalmente alteram nosso cotidiano, podendo também afetar outras pessoas; nossos discursos, entretanto, conseguem atravessar espaços inclusive longínquos, com maior facilidade. Eles fomentam debates, modificam ideias e fundam novas práticas em terceiros. A palavra funda, ratifica e legitima, daí o medo de uma mulher que não esconde suas práticas ainda questionáveis pela sociedade, de uma mulher que as reverbera em palavras de afirmação de identidade. Nada mais aterrorizante para uma sociedade patriarcal. Afinal, como ficaria o controle e organização das famílias e papéis sociais se todas as mulheres decidissem pela liberdade de ser, fazer e dizer?

Ao ser convidada para ser entrevistada pelo próprio Tarso, que tinha fama de galante e sedutor e demonstrava interesse por Leila, ela aceitou prontamente o convite e disse que gostaria de que tudo o que dissesse fosse publicado. Ao contrário do que já foi especulado, a entrevista não foi de modo algum uma armadilha em que caíra uma ingênua Leila que teve expostas palavras que pensou que ficariam em *off*. “Topo, mas é para falar tudo” (SANTOS, 2008, p. 147) disse ela ao aceitar a entrevista. Ela queria ser ouvida, ser vista de modo mais verdadeiro. Se anteviu todas as consequências que a publicação desencadearia não podemos saber.

³ O recurso dos asteriscos foi uma estratégia usada pela primeira vez justamente nessa entrevista. Mais tarde eles também foram proibidos pelo departamento de censura por indicarem o uso de palavra indevida.

O convite para essa entrevista não continha a intenção de criar uma grande polêmica. Como já dito, o *Pasquim* já era um semanário com características bem peculiares para aquela época, e Leila, que naquele momento não estava no ar em nenhuma novela, não era a convidada com maior projeção que se poderia ter. Obviamente, a turma do jornal já conhecia seus discursos moderninhos, cheios de palavrões e humor peculiar; apesar disso, podemos salientar que pelos depoimentos dos envolvidos, a escolha da atriz para ser entrevistada foi uma contingência. Nas perguntas e respostas ficou notório um clima descontraído e com assuntos variados.

Tarso: Você disse que achava teatro chato. Eu também acho. Você ainda vai a teatro?

Leila: Eu vou muito pouco. Geralmente eu durmo. Eu fui assistir “Oh que delícia de guerra” com a Marieta e ela me cutucava o tempo inteiro (...). Quando eu estou representando em teatro tenho vontade de parar e fazer careta pra plateia e dizer: o que é que vocês estão aí me olhando, o que é isso? (SANTOS, 2008, p. 148).

As mulheres já nos anos 60 tinham algumas liberdades, dentre elas a possibilidade da pílula anticoncepcional. A presença delas nas universidades já era mais intensa e pelo mundo, mesmo que de modo incipiente, já começavam a conseguir cargos importantes. Já não era tão raro moças não se casarem virgens; entretanto, como já dito, não era comum que falassem abertamente sobre suas experiências sexuais e muito menos que se orgulhassem disso. Leila que fazia tudo isso, causava estranheza em muitas pessoas, até mesmo pessoas que se tornaram grandes amigos seus relataram esse choque *a priori*, esse seu comportamento era visto como masculinizado. Segue um segmento da entrevista publicada pelo *Pasquim* em 1969:

Jaguar: Amar e ir pra cama são a mesma coisa?

Leila: Não. Eu não acho bacana ir para a cama. Eu gosto muito, desde que dê aquela coisa de olho e pele. Agora, eu não acredito nessa coisa do amor possessivo e acho chato. Você pode amar muito uma pessoa e ir para a cama com outra. Isso já aconteceu comigo (SANTOS, 2008, p. 149).

Leila indubitavelmente foi uma mulher que rompeu com padrões e conceitos da época em que viveu. Seu “permitir-se” chocou muitos e ela sofreu as consequências disso principalmente na vida profissional. Apesar disso, como já foi dito, pensar Leila apenas como esse mito de mulher revolucionária deixa para trás aspectos importantes de sua personalidade. Leila é descrita em depoimentos de amigos e familiares como uma mulher bastante dedicada aos amigos, doce com aqueles que amavam e com desejos que não fazem parte de sua imagem que ficou consolidada. A certa altura da vida Leila sonhava

casar, ter um marido e ser mãe, esses desejos não costumam receber tanta visibilidade nos lugares onde sua memória é celebrada.

Nos processos sociais tão comuns de enquadramentos da memória, principalmente a coletiva, torna-se por vezes mais fácil selecionar aquilo que ratifica uma imagem. Tratando-se de uma pessoa pública e de personalidade tão impactante, os aspectos que não convergiam para a figura da mulher ousada ficaram muitas vezes em detrimento das falas e trejeitos da mulher rebelde. Aliás, a palavra “revolucionária” utilizada comumente em definições feitas sobre a atriz também merece alguma problematização. Leila não se envolveu de maneira mais próxima com a resistência ao regime militar. Não foi engajada à maneira que a esquerda daquele momento julgava necessário e conveniente. Ela chegou a abrigar um amigo perseguido pelo regime e também entrou na mira dos militares. Leila tinha sim um posicionamento político, mas não do tipo que a maioria de seus contemporâneos pudessem perceber ou compreender. Sua politização se realizava no vestir, nos palavrões; na desinibição; na vivência de uma sexualidade interdita para mulheres; na ajuda aos que dela precisassem mesmo que isso a colocasse em perigo; na toalha⁴ na cabeça na capa do *Pasquim*; no biquíni que deixava à mostra a “sacralidade” do dom da maternidade. Naquele momento talvez poucos pudessem enxergar nisso atitudes politizadas; ainda não era tão clara a importância das ações cotidianas que reverberavam essas transfigurações do político. A opressão do regime acabava por levar muitos dos que resistiam e lutavam a cobrar posturas firmes, coerentes e baseadas nas ideologias dos livros admirados pela esquerda que contribuíram na formação de muitas personalidades destacadas, mas também em muitos casos apenas decoravam cabeceiras. “As feministas de esquerda acharam que ela fazia o jogo dos chauvinistas e não passava de uma ‘mulezinha’ ao dispor dos trabalhos de cama e mesa. Os comunistas a achavam alienada” (SANTOS, 2008, p. 167).

O que percebemos hoje em perspectiva como quebra de paradigmas e padrões impostos e, portanto, como atitude revolucionária e resistente, era compreendido naquele momento como uma postura alienada e vazia de ideologias. Por outro lado, ao seu comportamento não convencional, soma-se também a construção de um estereótipo da “mulher fácil”, da “vagabunda”, facilmente atribuídos às mulheres que não aderiam às condutas consideradas normais. Se grande parte da esquerda não compreendia Leila, a

⁴ A foto da capa do *Pasquim* onde Leila aparece informal e descontraída com uma toalha na cabeça foi ideia dela mesma. O fotógrafo foi Paulo Garcez. Ele contou que as fotos foram feitas no dia seguinte a entrevista, ainda na casa de Tarso, quando Leila voltava da praia.

direita a abominava e lançava sobre ela todo o seu recalque e moralismo. Seguem mais duas falas de Leila:

“Todo mundo lê minhas entrevistas, vê os títulos de ‘Mulher Livre’, e fica achando que eu sou aquela (*) da zona” (SANTOS, 2008, p. 160).

“Não sou contra o casamento, uma coisa mais difícil que representar ou escrever. Nem todo mundo tem esse dom. Apaixonar-se não é igual a casar-se. Não se pode andar com vários homens se se gosta de alguém. Não é possível dividir o amor. É preciso entregá-lo a uma pessoa de cada vez. É difícil ser fiel. O homem não é fiel. Uma mulher deve ser? As mulheres ainda não estão preparadas para essa experiência e para essa igualdade entre o homem e a mulher” (SANTOS, 2008, p. 135).

Se esses estereótipos que oferecem uma interpretação rasa de um personagem afetam o senso comum, não é muito diferente no que tange aos historiadores. Estes também, mesmo imbuídos de métodos e técnicas de interpretação de suas fontes, por vezes caem nas armadilhas dos contextos enrijecidos, de onde só podem partir sujeitos adequados a esse pano de fundo que tudo explica, tudo justifica e que exclui contradições, acasos e ainda enquadra os indivíduos que florescem contra o meio.

Nesse sentido, Dominick LaCapra (1998) oferece uma contribuição importante. O autor propõe uma metodologia que subverta em alguma medida as relações pensadas de modo muito evidente entre sujeito e contexto. LaCapra (1998, p. 237-293) pensa o texto e o contexto como suportes de representação e objetos de análise que tem desfechos extremamente importantes nas relações texto/autor/leitor. Como disse Febvre (*apud* BURKE, 1997, p. 43): “É necessário ser herético”. “Em primeiro lugar luto pela posição da mulher na sociedade. Isto quer dizer que luto por mim mesma. Em segundo lugar, luto por minha luta diária. Brigo por tanta coisa que nem sei” (SANTOS, 2008, p. 98).

Após a tão falada entrevista ao jornal *O Pasquim* Leila teve muitas dificuldades para conseguir trabalhos na televisão, que correspondiam às atividades mais rentáveis, visto que no cinema ocorria muita diversão, mas os recursos eram reduzidos. Ela já havia sido escalada por Daniel Filho, na época da publicação polêmica para a novela “Véu de Noiva” de Janete Clair; entretanto, segundo contam, a autora não achou que seria conveniente tê-la na trama, visto que isso poderia causar uma rejeição no público. Alguns atribuem a Janete a frase “Não tem papel de puta na minha novela”; Leila foi então substituída por sua amiga Beth Faria.

Ela foi sucesso de público e crítica na peça ao estilo “teatro de revista” e com certo tom tropicalista “Tem banana na banda” de Oduvaldo Viana, Millôr Fernandes, José Wilker e Luiz Carlos Maciel. Mas as vacas continuavam magras. Leila teve que pegar

alguns trabalhos alternativos na TV. Dentre eles acabou aceitando por necessidade um convite para compor o júri do programa de Flávio Cavalcanti, programa que ela já havia criticado publicamente. Sua participação no programa poderia ser resumida em ser a garota espetivada, às vezes ingênua e que ocasionalmente flertava com algum outro participante. Flávio era considerado um conservador e direitista, seu programa era visto como sensacionalista e explorador da miséria dos mais pobres, além de desprovido de qualquer condição cultural. Apesar disso, como já dito, as biografias são surpreendentes porque a vida também o é; Flávio além de ter dado o citado emprego a Leila, a ajudou a fugir dos militares no meio de uma apresentação de seu programa ao vivo e a escondeu em sua própria casa com sua família pelo mês seguinte.

Nesses tempos difíceis em que Leila fez participações em programas de auditório para a TV, ela conheceu Ruy Guerra. Inicialmente não houve envolvimento entre os dois, mas acabaram se apaixonando e juntos tiveram uma filha, Janaína. Após tantas portas fechadas na TV, especialmente as da TV Globo, a atriz partiu para a aventura de um negócio próprio. Abriu em sociedade com a ex-modelo internacional Vera Barreto uma loja de roupas. O estilo era meio *hippie*, mas com sofisticação. Vera escolhia os modelos e Leila divulgava a loja e fazia vendas.

Foi nesse ínterim que ela engravidou. Com a gravidez ela ficou radiante, já havia um tempo que desejava ser mãe. Como sempre fora uma mulher da praia, do sol, do mar, consultou um dermatologista sobre tais condições durante a gestação e ouviu que o sol faria bem. Foi à praia, de biquíni. Se hoje é uma cena comum e saudável vermos mulheres grávidas aproveitando dias de sol nas praias brasileiras, naquele momento, 1971, as coisas eram um tanto quanto diferentes. Ao ser fotografada nesse momento de descontração, foi mais uma vez polêmica, estaria profanando o dom sagrado da maternidade.

A exposição da gravidez materializou, corporificou seus comportamentos transgressores. Leila fez uma verdadeira revolução simbólica ao revelar o oculto – a sexualidade feminina fora do controle masculino – em uma barriga grávida ao sol (GOLDENBERG, 2012, s/p.).

Indo um pouco mais além, o registro de Leila grávida que também foi divulgado no *Pasquim* se contrapõe à figura da mulher sexy. É uma foto que, como já dito, não esconde a barriga que carrega uma criança; é uma fotografia que mostra toda a alegria e contentamento com aquele estado, aquele corpo, aquele instante. A foto de Leila grávida é uma das imagens mais icônicas e que mais revelam a heroína da sexualidade feminina no Brasil. Isso demonstra o quanto pensar outras versões dessa mulher para além

daquela que chocou e polemizou, permite um melhor entendimento de sua trajetória e os caminhos possíveis naquele momento no Brasil. “A gravidez é um negócio maravilhoso. Dá uma sensação de absoluto; a gente fica completa. Acho que o negócio máximo de ser fêmea é estar prenha” (MORAES, 1994, p. 500).

Assim, Leila antecipou-se ao movimento feminista no Brasil dos anos 60, levando à prática uma ousada proposta de emancipação da mulher. Expressou uma nova concepção dos vários papéis femininos, assumindo uma postura inovadora em relação ao amor, à maternidade e à gravidez. Desmistificou a imagem da mulher submissa e dependente. Rompeu com a ideia da maternidade enquanto sacrifício e renúncia. Grávida de Janaína, ostentou orgulhosamente sua barriga, exibindo sua felicidade expressa, entre outras coisas, nas transformações do seu próprio corpo (DINIZ, 1994, p. 461).

Leila ficou extremamente feliz com o nascimento da filha, era um momento único para ela; mas apesar de estar aproveitando intensamente os primeiros meses de maternidade, não parou de trabalhar. Um filme apareceu a convite do amigo Bigode, companheiro de longa data, de muitas farras e com quem já tinha realizado outros trabalhos. O filme era “Mãos vazias” que, como todo o cinema brasileiro naquela época, foi filmado com grandes dificuldades e orçamento apertado. Não obstante a falta de recursos, o filme foi bem recebido nos festivais dos quais participou.

Leila viajou com a equipe para divulgar o filme que era sobre uma mulher que rompia com a sociedade que a sufocava. A viagem se estenderia por vários países: Austrália, Inglaterra, Malásia e Índia. Durante a viagem ela se divertiu bastante, conheceu muitos lugares e teve inclusive um encontro amoroso com o jogador da seleção brasileira de futebol Afonsinho, atleta politizado e polêmico da época. Apesar da diversão, sentia muita falta da filha e deixava isso claro para os colegas. Mandava postais e telefonava todos os dias para saber da filha. É comum para muitas mulheres o sentimento de angústia ao precisarem se dividir entre o trabalho e os filhos. Leila como qualquer mulher também sofreu com a delicadeza desse momento. A maternidade era um desejo e uma realização, contudo, a carreira também era.

Não sei por que estou voando para a Índia. Que tenho eu a ver com a Índia, se Janaína está lá na Barra, com a babá. Eu sou mesmo uma louca. Que eu vim fazer aqui, no fim do mundo? Afinal, quem é a mãe de Janaína, eu, que estou aqui, ou a babá, que está com ela? Acho que estou ficando velha. Estou cansada (MORAES, 1994, p. 501).

Por saudades da filha resolveu apressar a volta. Refletir sobre essa maternidade tão desejada e sobre essa sua antecipação da volta para o Brasil para estar com sua filha traz uma perspectiva da mulher comum, que em algum momento abre mão de seus projetos e planos para dedicar-se a família. Leila era uma mulher independente e, nesse

caso, ela pôde seguir com sua carreira e assim o fez. Em algum momento, contudo, resolveu interromper uma viagem de trabalho não por precisar voltar, mas por querer voltar. É preciso que o pensamento feminista também se interesse por essas sentimentalidades e sensibilidades que fazem parte da vida de algumas mulheres em suas atividades cotidianas e familiares.

Eu cansei de toda aquela agitação. Precisava de um pouco mais de calma e tranquilidade para colocar minha vida em ordem. Descobri também que minha filha é a única coisa verdadeira que possuo. E, depois, ela está crescendo e precisando de mim. (...) Estou tão ligada nela que até me esqueço do resto do mundo (MORAES, 1994, p. 501).

A perspectiva de gênero nos possibilitou abordar a maternidade em suas múltiplas facetas. Ela pôde ser abordada tanto como símbolo de um ideal de realização feminina, como também, símbolo da opressão das mulheres, ou símbolo de poder das mulheres, e assim por diante, evidenciando as inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo símbolo (SCAVONE, 2001, p. 142).

Considerações finais

Em abril de 2016, quarenta e quatro anos após a morte de Leila, uma matéria na revista *Veja* definiu a primeira dama Marcela Temer como “bela, recatada e do lar”. O texto era elogioso e enaltecia Marcela por sua postura discreta e por ela usar saias sempre na altura dos joelhos; foi apresentada como a mulher por trás do grande homem. Bastou para uma reação bastante pertinente do movimento feminista nas redes sociais: mulheres de todo o país publicaram suas fotos em posições e atividades consideradas não convencionais para mulheres, acompanhadas da frase “bela, recatada e do lar”.

Os movimentos feministas explicaram exaustivamente que não se tratava de uma crítica às mulheres que possuíssem tais características, mas uma oposição à vinculação desses aspectos como ideais. Em 2016, mais uma tentativa de dizer às mulheres qual o lugar e que comportamento delas se espera, assim como faziam os guias para boas esposas dos anos 50. Essas imposições já haviam sido criticadas em 1792, pela escritora Mary Wollstonecraft em seu livro “Reivindicação dos direitos da mulher”. Podemos deduzir, por conseguinte que a desconstrução dos argumentos e práticas conservadoras que condicionam e limitam as mulheres ainda é uma luta em curso.

A reação do movimento feminista foi importante e necessária. Como é comum nas redes sociais, teve grande alcance e impacto, fomentou debates e deixou um recado claro: imposições de gênero não são mais aceitas sem questionamentos de muitas. Fica,

contudo, uma questão: as mulheres que se encontram fora desses movimentos, que se encontram fora do mercado de trabalho, especialmente as de menor poder aquisitivo ou que exercem profissões ligadas à vida doméstica, têm sido também compreendidas, aceitas e representadas pelo movimento feminista? A pergunta que fica é feminismo para quem? O feminismo contemporâneo enxergaria a Leila mãe com a mesma importância que a Leila atriz ousada e rebelde?

Entender Leila em sua clássica definição de “todas as mulheres do mundo” vai além de um jargão poético. Muitas mulheres diferentes, ou seja, muitos papéis sociais estão em Leila e em muitas outras que ainda não se sentem compreendidas e/ou representadas pelo movimento feminista em seus coletivos e discussões. Se o empoderamento é fundamental, é urgente também, entretanto, o estabelecimento de uma ponte para com mulheres que ainda não estão cientes disso. É preciso dialogar com todas as mulheres do mundo. Margareth Rago (2004, p. 279) chama atenção para a importância de se perceber novas conformações, questionamentos e demandas que se abrem para o movimento feminista, mesmo que essas demandas estejam emergindo de sujeitos sociais que nem sempre conhecem tais discussões e que por vezes representam o que há de mais contrário à ideia que se tem de emancipação feminina:

Décadas depois da incorporação dos estudos feministas e das discussões sobre a categoria do gênero nos debates acadêmicos e nas disputas políticas, é possível referir-se ao momento atual das lutas e reivindicações feministas como “pós-feminismo”, entendendo o conceito não como um marco temporal que indicaria um tempo depois, implicando um momento pré e um pós, mas a partir da instauração de novas configurações nas problematizações e nas relações que se travam no interior desse movimento, quando um determinado patamar de reconhecimento social das questões femininas foi atingido.

Leila embarcou de volta ao Brasil no jato DC8 da Japain Airlines no dia 14 de junho de 1972. Já quase em Nova Deli, no momento da aterrissagem os pilotos resolveram optar pelo pouso por contato visual ao invés do pouso por instrumentos, mas confundiram as luzes do aeroporto com as de um vilarejo próximo devido a uma tempestade de areia. O avião tocou o solo e explodiu. Estavam a bordo 78 passageiros e 11 tripulantes. Apenas cinco pessoas se salvaram. Inicialmente especulou-se sobre um possível atentado por conta da Guerra do Vietnã em curso nas proximidades; contudo, o inquérito da polícia indiana concluiu como causa do acidente a falha dos pilotos.

No Brasil sua morte repercutiu intensamente e muitos jornais e revistas lucraram com ela. Aqueles que haviam fechado portas para Leila agora queriam homenageá-la publicamente. Morria a estrela mais polêmica do Brasil; nascia um mito; e mais do que isso, a porta havia sido deixada aberta para as mulheres de sua época. Não podemos,

claro, afirmar que toda e qualquer mulher naquele momento se interessava por adentrar essa porta; contudo, ela passou a ser uma possibilidade. A morte, não raro, faz com que alguém passe a ser admirado e mesmo configura uma espécie de modismo póstumo. De qualquer modo, os anos 70 trouxeram novidades em vestimentas, comportamento e pensamento e os 80 não seriam diferentes.

As narrativas da existência de Leila e de suas vivências oferecem uma dimensão dos costumes, das aceitações, dos medos, dos tabus, principalmente dos anos 60 e 70 enfrentados ou silenciados pelas mulheres. Ao escrever sobre Leila, Joaquim Ferreira dos Santos (2008, p. 162) disse: A mulher do futuro acaba de dar sua primeira entrevista. Sua voz dissonante causou ecos de contradição na sociedade, nesses momentos ela foi a mulher do futuro e por isso mesmo foi tão importante para aquele presente vivido. Ela foi importante para as mulheres aprisionadas por tantos dogmas patriarcalistas; foi importante para as massacradas pelo cotidiano; para aquelas que viam em seus corpos uma coleção de tabus. Ela foi também importante para as entusiastas do feminismo que perceberam em perspectiva, que Leila havia vivido e ressignificado tantas das teorias que lhes eram caras, mas em função da vida cotidiana e prática. Leila foi a mulher do futuro que aquele presente – hoje passado – precisou; hoje ela é a mulher do passado que nosso presente ainda não foi capaz de entender e aceitar.

"ALL THE WOMEN OF THE WORLD": A LOOK AT LEILA DINIZ AND HER TIME

Abstract: A symbol of freedom and boldness, Leila Diniz is an actress already represented in some biographical works. As is known, however, the writing of this genus contains omissions, silences and distinctive looks that also represent different perspectives of the same character. Leila that breaks with social and behavioral patterns of an era, has been the most frequent memory of this artist, at the expense of aspects of their work and family life also conformed the bodies that formed his personality. Through testimonials from people linked to actress and her own voice in interviews and letters, this work show a Leila is rather daring and freedom, but in addition, also conforms other possibilities of interpretation. Observe what this woman was considered outside the standards, which talks realize that, in what respects it resembled any woman of her time, can also be important tools for better understanding of this character and the time in which he lived.

Keywords: Biography. Leila Diniz. Behavior. Woman.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. Estética da criação verbal. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.

BERBERT JUNIOR, C. O. Teoria da História e Filosofia da História: Uma análise das relações entre a epistemologia, a metodologia e o pensamento especulativo. *Dimensões*, vol. 24, 2010.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (org.). *Usos & Abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia*. São Paulo: Fundação Editora UNESP, 1997.

BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. *As encruzilhadas do labirinto III. O mundo fragmentado*. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: 1 Artes de fazer*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DINIZ, Eli. Retorno às origens. In.: *Revista Estudos feministas*. pp. 454-462. n°2, 1994.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1998.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. *O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDENBERG, Mirian. Barriga libertária. In.: *Revista de História*. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos-revista/barriga-libertaria>. 14/06/2012. Acessado em maio de 2016.

GOMES, A.C. (org.) *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004

LACAPRA, Dominick. Repensar la historia intelectual y leer textos: In PALTÍ, Elías José. "Giro Lingüístico" e história intelectual. Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1998.

MELLO, Maria Thereza Negrão de. História cultural como espaço de trabalho. In: KUYUMIJIAN, Marcia de Melo Martins & MELLO, Maria Thereza Negrão de (Org.). *Os espaços da história cultural*. Brasília: Paralelo 15, 2008.

MORAES, MARIA LYGIA WARM DE. Leila Diniz em várias versões. In.: *Revista Estudos feministas*. pp. 497-501. n°2, 1994.

PERROT, Michelle. *As Mulheres e os silêncios da História*. Bauru, SP: EDUS, 2005.

RAGO, Margareth; *Feminismo e Subjetividade em Tempos Pós-Modernos*, 06/2004, In.: "Poéticas e Políticas Feministas.", Capítulo, ed. 1, Mulheres, Vol. 1, pp. 12, pp.31-42, 2004

REVEL, Jaques. A biografia como problema historiográfico. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Editora UFPR, 2010.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. Leila Diniz: uma revolução na praia. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SCAVONE, Lucila. A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais. In.: Cadernos Pagu, (16), pp.137-150, 2001.

SOBRE A AUTORA

Kenia Gusmão Medeiros é doutoranda em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG); docente do Instituto Federal Goiano (IFGoiano), Campus Posse.

Recebido em 31/05/2016

Aceito em 14/07/2016